

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



CONTAR-SE QUATRO, PELO PASSE COMO EXPERIÊNCIA¹

Mauro Mendes Dias – mauro.m.d@uol.com.br

Resumo: Este artigo aborda cinco temas: *Enlaçamento e Separação*, para falar de tempos do passe na constituição, por meio dos quais se possa sustentar um laço entre psicanalistas; *Quatro na Estruturação*, como elemento que permite articular a estrutura do ser de desejo; *Do Três ao Quatro, do Quatro no Três*, onde o três introduz o quatro como condição de seu enlaçamento, ou seja, se conta três, ligados, a partir de um quarto elemento, a função nomeante; *Do passe e seus impasses*, com um avanço na direção de situar o que significa a reinvenção indicada na experiência do passe enquanto “tornar-se esse objeto a”, e com uma passagem pelo conceito de desideração de Didier-Weill, e *Um laço em Quatro Tempos*; onde se busca admitir uma temporalidade quaternária que, retomando o passe, permita articular uma experiência subjetiva criadora

Palavras-chave: enlaçamento; nó borromeano; passe; tempos do sujeito.

São Paulo
2023

¹ Texto de base para o Seminário dado na *Insistance*, Paris, em janeiro de 2016.

COUNTING ONESELF FOUR, THROUGH THE PASS AS EXPERIENCE

Abstract: This article discusses five themes: *Interlacing and Separation*, to talk about the times of the pass in the constitution, through which a bond between psychoanalysts can be sustained; *Four in Structuring*, as an element that allows the structure of the being of desire to be articulated; *From Three to Four, from Four to Three*, where three introduces four as a condition of its enlacement, that is, three is counted, linked, from a fourth element, the naming function; *Of the pass and its impasses*; with an advance towards situating what the reinvention indicated in the experience of the pass means while “becoming this object a, and with a passage through Didier-Weill's concept of desideration, and *A Loop in Four Times*; where it is sought to admit a quaternary temporality which, resuming the pass, enables the articulation of a creative subjective experience

Keywords: borromean knot; enlacement, pass; subject's times.

CONTAR-SE QUATRO, PELO PASSE COMO EXPERIÊNCIA

Enlaçamento e separação

Parto do princípio de que o número quatro que consta no título permite articular o que se pretende apresentar como tempos do passe na constituição. E ainda que é através desses quatro tempos que uma proposta de laço entre psicanalistas pode ser sustentada. Para tanto, será necessário realizar uma tríplice separação, qual seja:

- do passe como sinônimo do dispositivo que leva o mesmo nome, tal como inventado por Lacan;
- do número quatro limitado ao quarto termo do conjunto dos números inteiros;
- da autorização do psicanalista confundida com autonegação ou como sinônima de adaptação a critérios de reconhecimento baseados em padrões sobre o final da análise.

Quatro na estruturação

Nenhuma das indicações anteriores se sustentaria caso o número quatro não comparecesse, como comparece, enquanto elemento que permite, desde cedo na obra de Jacques Lacan, articular a estrutura do ser de desejo. Já no Seminário sobre *Os escritos técnicos de Freud* (1953-54/1987) encontramos o número quatro referido à experiência ótica dos espelhos a partir dos quais Lacan introduz a sua “tópica do imaginário”. Intitulado como “esquema dos dois espelhos”, acompanhamos nele a presença do espelho côncavo, do espelho plano, do olho e da imagem. Experimento que permite a retomada do estádio do espelho, ao lado de introduzir um outro tipo de manejo com o campo da ótica. Sabe-se que Freud se valeu da referência ao microscópio e ao telescópio, na *Interpretação dos Sonhos*, para indicar que a imagem produzida no sonho não depende de uma localização anatômica. A ótica vai permitir mostrar que a imagem se forma num ponto que não é tangível, nem nos instrumentos, tampouco no aparelho psíquico. Nesse sentido, a ótica, em Freud, dá sustentação ao inconsciente como um lugar intermediário, sem suporte substancial.

Quando Lacan retoma a utilização da ótica no “esquema dos dois espelhos”, ele tem como objetivo precisar que, dependendo da localização do olho, outro nome do sujeito nessa ocasião, a relação com a realidade, enquanto realidade subjetiva, poderá ser modificada para cada um.

Há uma passagem que merece ser destacada. Ela é inaugurada pela indicação do

inconsciente como lugar, em Freud, e avança na direção de precisar, pelos quatro elementos no “esquema dos dois espelhos”, a constituição da realidade. Nesse sentido, a dinâmica da relação entre os quatro elementos no “esquema dos dois espelhos” reconhece e estende a descoberta freudiana do inconsciente como um lugar. Ainda que as indicações relativas ao número quatro participem da estruturação subjetiva, elas não comportam os mesmos fundamentos e consequências. Indicamos como referência os primeiros Seminários e Escritos, sua presença nos esquemas L ou Z, no esquema I, de 1957/58, assim como no Seminário sobre *A Carta Roubada* (1955/1998), entre outros.

Somente ao ser movido por uma paixão que se nutre da coerência e continuidade é que se acredita que o número quatro promove o sentido de um aperfeiçoamento. O que encontramos é diferente de um progresso. Trata-se de um movimento que avança, tanto quanto retoma formas e estruturas que surgem como efeito da insistência pelo contar-se a partir do quatro. Condição do ser de desejo, estruturado pela linguagem.

Do três ao quatro, do quatro no três

Quando retomamos, não sem estranhamento, a fala de Lacan no Seminário de Caracas, em agosto de 1980a, duas passagens se destacam nesse momento próximo ao final de sua vida:

“meus três não são os de Freud”

“o nó borromeano põe em evidência a função do ‘ao menos três’”.

O nosso parecer de que se possa afirmar que os três de Lacan não sejam os de Freud se sustenta pelo fato de que não há superposição de lugar e de função entre ego, id e superego e real, simbólico e imaginário. Se Lacan pôde afirmar que os três dele não são os de Freud, é mesmo porque não há homologia, tampouco coincidência e continuidade entre os ensinamentos advindos da obra freudiana e do ensinamento de Lacan. Eles reúnem, pelo reconhecimento simbólico, mas também se separam, no que são causados e sustentados com estilos de experiências distintas.

Se os três de Lacan não são os de Freud é verdadeiro, só o é na medida em que os seus três foram apresentados por ele, em 11 de fevereiro de 1975, no Seminário R.S.I, “como concernindo, pelo nó borromeano, ao que pode unir esses três, Imaginário, e Simbólico, e Real, desunidos”(p.32).

O que chama a atenção, em primeiro lugar nessa passagem, é o fato de Real, Simbólico e Imaginário se apresentarem desunidos. O três introduz, assim, o quatro como condição de seu

enlaçamento, ou seja, se conta três, ligados, a partir de um quarto elemento. Ação suplementar, essa, que introduz a possibilidade de se contar quatro, como efeito da ligação entre três, tanto quanto se contarem três, pela ligação que se torna possível entre real, simbólico e imaginário, desde o quarto elemento.

Quanto ao que nos toca, vale indicar que há uma diferença entre apresentar real, simbólico e imaginário como termos que escrevem “três sentidos diferentes” (R.S.I, 10/12/74) daquilo que são os “três de Freud”, imajados “em uma geometria do saco”. Os três sentidos vão ser, em seguida, apresentados desde sua “única forma de dar a esses três termos, Real, Simbólico e Imaginário, uma medida comum, que é enlaçando-os neste nó bobo... borromeano” (R.S.I. 10 de dezembro de 1974).

Passamos, portanto, a uma condição de enlaçamento, que é dada pelo fato de haver nó borromeano, que ele consiste estruturalmente no fato de que três é o seu mínimo (R.S.I, 10/12/74).

O que é preciso considerar nessas passagens? Trata-se de poder apreender que o três é dado pelo fato de haver nó borromeano. “Três é o seu mínimo”, repete Lacan à exaustão, tanto quanto insiste que “se de três vocês rompem um dos anéis, eles ficam livres todos os três, ou seja, os dois outros se soltam”(LACAN, R.S.I., p.9). Sendo assim, a consistência é dada pelo nó, em suas diferentes montagens de sentido e corte.

O que se encontra em jogo nisso? A retomada da “descoberta notável” como descoberta do nó borromeano “para recuperar não o ar de Freud, mas justamente seu errar, o que nisto rigorosamente ex-siste, afazer (affair) de nó” (R.S.I.,1974-75, p.167).

Note-se que, de um fazer três, como mínimo, mantido como três pelo nó borromeano, que pode ser cortado, se passa a uma condição que há uma desunião entre três. O que liga, agora, o que faz nó, é o quarto termo, como função de suplência. É, portanto, desde o quatro, como função nomeante do Nome do pai, que uma ligação pode ser mantida entre três. A função nomeante, que é o quarto termo, introduz um novo nome. Que vai passar a ser o nome do que liga os que se mantinham separados.

Pode-se afirmar que, se “três é o seu mínimo”, é mesmo porque, na verdade, se contar três como mínimo é contar com a operação decisiva que o Nome do pai introduz, qual seja, experimentar a significação do desejo como nomeação de uma nova posição. Ao mesmo tempo, se “contar três é o seu mínimo” implica contar com o quarto termo, porque é ele que os enlaça em três, pelo quatro. O contar-se quatro implica em reconhecer que é a partir desse quatro que se conta. Conta-se da nomeação do três, como nó a três, tanto quanto da função nomeante que é

o quarto termo, como nó a quatro.

Contar-se quatro implica, ainda, na retomada do sentido da experiência que vem pelo passe, como experiência do passe, não superposta a execução do dispositivo do passe.

Do passe e seus impasses

Coube a Jacques Lacan apresentar o passe no texto *Proposição de 9 de outubro de 1967*(1967a/2003) e, para lê-la, Lacan assinala a necessidade da leitura do texto *Situação da Psicanálise e Formação do Psicanalista* (1956/1998). Tal indicação tende a promover a ideia de que tanto a Proposição quanto o passe são uma resposta ao que se praticava como formação do psicanalista e transmissão da psicanálise, pela IPA. É certo que a distinção entre hierarquia e *gradus* é apresentada, no texto de 1967, como a “solução para o problema da Sociedade psicanalítica” e que a existência do princípio “o psicanalista só se autoriza dele mesmo” (p.1) se encontra “inscrito nos textos originais da Escola e decide sua posição”. Contudo, vale lembrar algumas afirmações de Lacan de forma a ressignificar a ideia de que a Proposição e o passe viriam a fornecer uma solução aos impasses da formação e da transmissão vindos da Associação Psicanalítica Internacional.

Ao se referir à *Proposição de 9 de outubro*, em 6 de dezembro de 1967 (1967a/2003), no texto “Discurso à EFP”(1967b/2003), afirma que “ela não contestava nenhuma posição estabelecida”. E continua no mesmo texto: “Minha proposição reside nesse ponto de ato, pelo qual se revela que ele nunca tem tanto êxito como quando fracassa, o que não implica que o fracasso seja seu equivalente, isto é, que possa ser tomado como êxito”.(s.p.)

Passados alguns anos, em 3 de novembro de 1973, no texto *Sobre a experiência do passe*(1977), ele volta a falar sobre a *Proposição*: “(...) ela está toda marcada pela prudência, por uma prudência talvez humana, por demais humana – não vejo como eu poderia ter sido mais prudente. Minha prudência era comandada pelo estado das coisas existente – é esse o próprio princípio da prudência.”(p.2)

Da mesma forma, a *Proposição de 9 de outubro*, na qual se apresenta uma proposta de Escola e que não tem caráter definitivo, seja pela presença do fracasso e da prudência, o passe, como experiência realizada no dispositivo, não conquistou também a condição de solução em relação ao que se praticava nas sociedades psicanalíticas. Advertência tão mais necessária quando se tende a esquecer que foram necessários diferentes tempos de discussão, seguidos de ruptura com discípulos, para que ele entrasse em funcionamento.

Enquanto procedimento que coloca em exercício uma composição ternária, o passante, os

dois passadores e o cartel ou júri do passe, ele tem como objetivo “recolher o testemunho que é apresentado na passagem à qualidade de analista da escola (LACAN, 1967a/2003, p..249)”.

Em 19 de dezembro de 1968, no texto *Proposição A* (LACAN,1970), obtemos o esclarecimento do que significa essa passagem:

Na ausência de uma teoria suficientemente elaborada da análise didática, e a fim de evitar o arbitrário que até aqui colocava esse lugar na nomeação ao título de psicanalista, o júri de aceitação tem a tarefa de esclarecer a passagem que permite ao psicanalisante tornar-se, por sua vez, analista, isto é, o passe, onde se resolve uma psicanálise didática (1968/1970, p.44).

Desde então encontramos-nos preocupados a esclarecer: o que é que se resolve numa psicanálise didática? Em 3 de novembro de 1973 o próprio Lacan irá dar a resposta:

Uma análise implica certamente na conquista de um saber que está ali antes que o saibamos,ou seja, o inconsciente, e o sujeito pode certamente aprender aí por que truque isso se produziu. É nesse sentido e apenas nesse sentido que uma análise é didática. Mas se ela não fez mais do que aprender a ensinar a apertar os botões necessários para que isso se abra no inconsciente, pois bem, (...) é pouca coisa diante do que se desvendou a ele na experiência analítica (p.58).

Uma vez que aquilo que se recolhe na experiência do passe fica restrito a indicar o que se aprendeu a ensinar a apertar os botões para que isso se abra no inconsciente, significa admitir que, não somente a experiência analítica fica limitada, mas também o sentido da experiência proporcionada pelo dispositivo do passe. Isso porque se trata, nele, “de apreciar, num momento que é aquele que eu chamo de passe (...) por que motivo alguém aceita esse risco louco, de tornar-se o que é esse objeto a” (LACAN,1973, lição de 3 de novembro de 1973 (p.1).

Vamos partir aqui do princípio de que, para situar o passe como uma experiência que se estrutura para além do recolhimento da abertura do inconsciente, será necessário admiti-lo, passe, como um “experiência radicalmente nova”. Radicalidade essa que implica um outro estatuto da experiência diferente daquela promovida pela invenção do dispositivo analítico por Freud. Nesse sentido se pode acompanhar a conhecida afirmação de Lacan que o passe e a análise não têm nada em comum.

O fato de não ter nada a ver com a análise esclarece o passe tanto com um tempo depois da análise, ou seja, fora dela, quanto situa a análise didática, num sentido que vai além de

homologá-la a uma aprendizagem e ensinamento para apertar os botões que promovam a abertura do inconsciente. Parece-nos ficar evidenciado que o passe, como um momento de passagem, relança a experiência da análise como suscetível de produzir um além da terapêutica, enquanto sinônima da cura dos sintomas.

Aos poucos o passe vai sendo dissociado de uma experiência promovida por um dispositivo para uma condição de privilegiar um momento de passagem. Tal momento não é mais coincidente com uma posição de conquista de um saber a partir do qual se instalariam as condições de aprendizagem e ensinamento para a abertura do inconsciente. Mais do que isso, a experiência do passe é indicativa de uma passagem que envolve um risco, risco de tornar-se o que é esse objeto a. Sendo assim, a experiência do passe é, de fato, uma metamorfose que promove uma “redução do ocupante dela” (1967a/2003,) pela condição de tornar-se esse objeto a.

De forma a esclarecer o sentido possível em jogo nessa acepção da experiência do passe como metamorfose, não mais superponível a uma experiência no procedimento, podemos referi-la à reinvenção com a qual cada psicanalista haverá de se ocupar, permitindo que a psicanálise perdure. É o que podemos recolher nas palavras de Lacan proferidas de 6 a 9 de julho de 1978, nas *Conclusões do Congresso sobre a Transmissão* (1978a): “(...) foi exatamente por isso, pelo fato de ser preciso que cada psicanalista reinvente, a partir do que ele tirou do fato de ter sido durante um tempo psicanalisante, a maneira pela qual a psicanálise pode perdurar”(p.66).

Avançando na direção de situar o que significa a reinvenção indicada na experiência do passe enquanto “tornar-se esse objeto a”, encontramos-nos com o que Alain Didier-Weill nomeia como desideração: “A desideração, portanto, é o que se produz quando deixo uma relação de ser e passo a uma relação de ter com a falta, a qual, por isso mesmo, torna-se causa, causa de meu desejo” (2015, p. 39).

Para acompanhar o que se faz presente na desideração, responsável pela criação, o autor retoma a indicação de Lacan quanto à incidência do real no simbólico como sinônima de “simbolicamente real”:

(...) o simbolicamente real não fala, mas introduz um efeito de criação por meio de uma ação que não solicita o ouvido humano. Dito de outro modo, isso não parte da voz e, no entanto, é a essa ação que se liga o ato originário da Bejahung (2015, p.68).

Até esse momento se tratou de mostrar, desde a Proposição de 9 de outubro de 1967, os diferentes elementos que precisam ser considerados de forma a descolar a experiência do passe

da experiência no procedimento do passe. Com isso obtém-se a possibilidade de alinhar a experiência analítica com a reinvenção e a criação. Contudo, sabemos pelo próprio Lacan, em *Jornadas sobre a experiência do passe* (1978b) que “esse passe é um fracasso completo

Lacan associa o fracasso do passe como dispositivo ao seu fracasso na Escola Freudiana de Paris, “ao não ter produzido analistas (AE) à altura”, em seu pequeno texto *O outro falta*, 24/01/80). O fracasso da escola se refere à condição de haver triunfado nela o que ele intitulou de “cola, grude” em seu seminário *D'Écolage* (11 março 1980). Ela, a cola, é efeito de uma fixação do recalque num vínculo que permite “à perversão ser aí bastante indicativa, pois a mais simples fenomenologia põe em total evidência a constância dos fantasmas privilegiados”, diz Lacan em sua *Carta ao Senhor A*, de 18 de março 1980/2003 (p.20).

É preciso, portanto, consentir no fracasso da Escola e do passe, de forma a poder relançar a experiência do passe numa direção onde a invenção e a criação permitem retomar um outro tipo de laço entre os analistas, tanto quanto do sentido do que se encontra em jogo na experiência de uma análise.

Em sua “Carta de dissolução” (1980/2003) Lacan indica o preço pago por Freud ao ter permitido que o grupo psicanalítico se apropriasse do seu discurso, qual seja, a transformação da Internacional em igreja: “A estabilidade da religião provém do fato de o sentido ser sempre religioso.”(p.45)

De um lado recolhemos uma herança, segundo Lacan, da presença da religião pelo sentido, pela hierarquia e por padrões de identificação ao psicanalista. De outro, a cola, o fracasso da Escola e o fracasso do passe. Não nos parece nem um pouco oportuno asseverar palavras de entusiasmo, baseadas em máximas de redenção pelo trabalho, de forma a situar uma Outra posição. Trata-se, sim, de admitir uma temporalidade quaternária que, retomando o passe, permita articular uma experiência subjetiva criadora.

Um laço em quatro tempos

Prosseguindo com a afirmação de que “o passe não tem nada a ver com a análise” consideremos que o primeiro tempo implica um ato de decisão de falar a outros, no caso, um público privado que não é mais composto pela presença do psicanalista a partir de sua experiência com a Psicanálise, e não somente da experiência de análise. No segundo tempo, em que se vê como falante, com outros, desde esse lugar que a experiência lhe promoveu, ele põe em ato o não saber que o move. Nesse segundo tempo o sujeito reafirma, insistindo em falar, numa presença que o causa em dizer, encantando-se com isso que fala nele, exterior a seu

comando. Primeiro ele é levado a falar, em seguida ele reconhece que há algo novo que o move. O que faz passar como dizer, retorna sob a forma de um reconhecimento, no terceiro tempo, vindo de um terceiro, que está para além daqueles que o escutam. É o que me parece se encontrar em jogo, enquanto passagem para um outro lugar, tal como proposto por Paolo Lollo, em *Passagens*: “O destino de uma análise está ligado a essa experiência que se desdobra numa tensão pela “qual se produz um novo tempo: o tempo do trânsito de um lugar para o outro.” (2015, p. 21)

Nesse “novo tempo”, o autor faz constar um “saber que fascina e passa”, onde se dá a irrupção do sujeito que canta e dança, um sujeito desejante, desiderado, capaz de introduzir o humano e o imprevisível no discurso, capaz de abri-lo para o inconsciente” (p.56).

O que surge desse sujeito, aberto ao inconsciente, pela abertura à causação pelo desejo, tem a ver com “um saber pulsante, que se dá na passagem do real no simbólico, surge de um furo real na cadeia dos significantes inconscientes que Sigmund Freud chamou de ‘o umbigo do sonho’ (FREUD, 1900, p.536).

Seguindo o que vem sendo articulado, haveremos de contar com um quarto tempo, a partir do qual o sujeito faz passar com “alguns outros” sua autorização, que é o outro nome de sua invenção. Nesse sentido tem toda importância considerar a mudança que Lacan introduziu no princípio da autorização do psicanalista, tal como apresentado na Proposição de 9 de outubro de 1967: “o psicanalista só se autoriza dele mesmo”(p.1). Na nova tradução pelo Espaço Moebius, “Os não-tolos vagueiam, ele afirma: “o psicanalista só se autoriza dele mesmo (...) e de alguns outros” (1973-74/2016, p.188).

A nosso ver esse suplemento condiciona uma Outra volta que vai implicar o psicanalista em reinventar os laços com alguns outros, a partir daquilo que se passou nele como invenção. O quarto tempo é a colocação em exercício da reinvenção dos laços.

Importa notar que esse quarto tempo não é sinônimo de uma tarefa exitosa. É somente porque houve abertura para a emergência do real como causa de invenção que algo foi perdido e criado. Nós nos aproximamos aqui do que Lacan indicou como um meio pelo qual se passa a esperar um futuro da psicanálise no qual ela se dedicasse mais à esquisitice (GRANZOTTO, 1974, Entrevista em Roma, 29 de outubro de 1974). Dentre as possibilidades que nossa língua oferece, a esquisitice se define como um indivíduo esquisito, ou seja, marcado por singularidade. Não menos importante o fato de que no latim, onde se escreve *exquisitu*, reencontramos uma possibilidade de leitura que comemora um ponto, quesito, pelo que vem de fora, ex.

Contar-se quatro, pela experiência do passe, introduz a esquisitice de um laço inventado,

com outros, no quarto tempo da invenção.

REFERÊNCIAS

DIDIER-WEILL, A. **Os nomes do pai**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015.

FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In: _____. **Edição** standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, trad: J. Salomão, vols. 4-5, pp. 39-649). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GRANZOTTO, E. Entrevista a Lacan: “Freud per sempre. **Revista Panorama**. Roma., 21 de noviembre de 1974.

LACAN, J. **Seminário de Caracas, última aula do Seminário 27** — Dissolution (inédit) (12/07/1980a)

_____. **Seminário: livro 27: A dissolução: lição de 11 de março de 1980**. (Sem tradução.) *Revista Ornicar?*, 1980b, nº 20-21, pp. 14-16. (Sem tradução.)

_____. (11 março 1980) D'Écolage. **Ornicar ?**, no 20/21, Paris, Navarin, 1980. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/wp-content/uploads/2020/02/22DE%CC%81colage22-Jacques-Lacan.pdf>

_____. (18 março 1980). **El señor A. Lección del 18 de marzo de 1980**. Disponível em: http://www.wapol.org/es/las_escuelas/TemplateArticulo.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=10&intEdicion=1&intArticulo=160&intIdiomaArticulo=5

_____. (1978a). **Clôture du congrès de l'école freudienne de paris sur la transmission de la psychanalyse**. Texto não publicado.

_____. (1978b). Jornadas sobre a experiência do passe. In: **Documentos para uma Escola. Revista Letra Freudiana**. Ano XIV, no 0.

_____. Sobre a experiência do passe. **Ornicar**, nº 12-13, dezembro de 1977.

_____. (1973-74). **Os não-tolos vagueiam**. Salvador: Espaço Moebius, 2016.

_____. R.S.I. disponível em: [Table des séances \(free.fr\)](http://www.free.fr)

_____. Sobre a Experiência do Passe. Congresso da Ecole Freudienne de Paris, 1-4 novembro de 1973. **Documentos para uma Escola II – Lacan e o Passe Revista de circulação interna da Escola de Psicanálise Letra Freudiana** –.

_____. (1970). Proposição A. In: **Documentos para uma Escola II: Lacan e o Passe**. Rio de Janeiro, Ano XIV, v. 0, 1995, p. 7-19. (Documento de circulação interna da Letra Freudiana Escola Psicanálise e Transmissão).

_____. (1967a). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: _____. **Outros Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 248-264.. Disponível em: https://www.wapol.org/pt/las_escuelas/TemplateArticulo.asp?intTipoPagina=4&intEdicion=4&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=183&intIdiomaArticulo=9&intPublicacion=10

_____. (1967b). Discurso à Escola Freudiana de Paris. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. (1966). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In:____. **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1955). O seminário sobre “A carta roubada” In _____. **Escritos**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.

_____. (1953-54) **O seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud. SãoPaulo:.** Zahar, 1987.

LOLLO, P. **Passagens: transmissão da psicanálise e direitos do homem**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2015.